

**IMPLICAÇÕES DO USO INDISCRIMINADO DE ANTI-INFLAMATÓRIOS
NÃO ESTEROIDES NA POPULAÇÃO IDOSA: UMA REVISÃO
INTEGRATIVA**

**IMPLICATIONS OF THE INDISCRIMINATE USE OF NONSTEROIDAL ANTI-
INFLAMMATORY DRUGS IN THE ELDERLY POPULATION: AN
INTEGRATIVE REVIEW**

**IMPLICACIONES DEL USO INDISCRIMINADO DE ANTIINFLAMATORIOS NO
ESTEROIDEOS EN LA POBLACIÓN ADULTA MAYOR: UNA REVISIÓN
INTEGRADORA**

Lívia de Lima dos Santos Pinheiro¹
Álefe Brito Monteiro²

RESUMO:

O envelhecimento populacional tem aumentado significativamente o uso de medicamentos, especialmente dos anti-inflamatórios não esteroides (AINEs), amplamente utilizados para o alívio da dor e inflamação. No entanto, o uso indiscriminado desses fármacos entre idosos representa um importante problema de saúde pública, devido à alta incidência de efeitos adversos e interações medicamentosas. Este estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada nas bases BVS e SciELO, com publicações entre 2010 e 2024, que abordam os riscos associados ao uso de AINEs em idosos. Os resultados evidenciaram que o uso prolongado e sem acompanhamento médico está relacionado ao aumento de complicações gastrointestinais, renais e cardiovasculares, além de ser frequentemente associado à automedicação e à polifarmácia. Conclui-se que é essencial promover o uso racional dos AINEs por meio da educação em saúde, prescrição responsável e monitoramento contínuo, a fim de minimizar os riscos e garantir maior segurança terapêutica à população idosa.

Palavras-chave: AINEs; automedicação; enfermagem.

ABSTRACT:

Population aging has significantly increased the use of medications, especially nonsteroidal anti-inflammatory drugs (NSAIDs), which are widely used for pain and inflammation relief. However, the indiscriminate use of these drugs among the elderly represents an important public health problem due to the high incidence of adverse effects and drug interactions. This study is an integrative literature review conducted in the BVS and SciELO databases, including publications from 2010 to 2024 that address the risks associated with NSAID use in older adults. The results showed that prolonged use without medical supervision is related to an increased risk of gastrointestinal, renal, and

¹ Escola de Ensino Superior do Agreste Paraibano, Guarabira, Paraíba, Brasil.

² Escola de Ensino Superior do Agreste Paraibano, Guarabira, Paraíba, Brasil.

cardiovascular complications, often associated with self-medication and polypharmacy. It is concluded that promoting the rational use of NSAIDs through health education, responsible prescription, and continuous monitoring is essential to minimize risks and ensure greater therapeutic safety for the elderly population.

Keywords: NSAIDs; self-medication; nursing.

RESUMEN:

El envejecimiento poblacional ha incrementado significativamente el uso de medicamentos, especialmente los antiinflamatorios no esteroideos (AINE), ampliamente utilizados para el alivio del dolor y la inflamación. Sin embargo, el uso indiscriminado de estos fármacos entre los adultos mayores representa un importante problema de salud pública debido a la alta incidencia de efectos adversos e interacciones farmacológicas. Este estudio es una revisión bibliográfica integradora realizada en las bases de datos BVS y SciELO, que incluye publicaciones de 2010 a 2024 que abordan los riesgos asociados al uso de AINE en adultos mayores. Los resultados mostraron que el uso prolongado sin supervisión médica se relaciona con un mayor riesgo de complicaciones gastrointestinales, renales y cardiovasculares, a menudo asociadas con la automedicación y la polifarmacia. Se concluye que promover el uso racional de AINE mediante educación para la salud, prescripción responsable y monitoreo continuo es esencial para minimizar los riesgos y garantizar una mayor seguridad terapéutica para la población adulta mayor.

Palabras clave: AINE; automedicación; enfermería.

Introdução

O envelhecimento humano é um processo natural, dinâmico e progressivo, caracterizado por alterações fisiológicas que promovem adaptações nos sistemas orgânicos com o objetivo de manter a funcionalidade do organismo. Entretanto, essas modificações aumentam a vulnerabilidade dos indivíduos ao desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), especialmente na população idosa (Fechine; Trompieri, 2012). Nesse contexto, observa-se maior prevalência de condições inflamatórias e dolorosas, o que contribui para o aumento do consumo de medicamentos, especialmente os anti-inflamatórios, amplamente utilizados para o manejo da dor e da inflamação. Contudo, o uso indiscriminado desses fármacos pode acarretar riscos significativos à saúde dessa população (Trindade; Deuner; dos Santos, 2024).

Associado a esse cenário, a polifarmácia configura-se como um problema frequente entre idosos, particularmente na presença de múltiplas condições clínicas e comprometimento do estado de saúde. A utilização concomitante de diversos medicamentos, aliada à facilidade de acesso aos anti-inflamatórios não esteroides

(AINEs) e à prática da automedicação, contribui para o aumento do risco de eventos adversos e complicações clínicas nessa população (Barros, 2020).

Os AINEs atuam por meio da inibição das enzimas ciclooxigenase-1 (COX-1) e ciclooxigenase-2 (COX-2), responsáveis pela síntese de mediadores lipídicos derivados do ácido araquidônico, como prostaglandinas e tromboxanos, envolvidos na resposta inflamatória. Além de seu papel na inflamação, esses mediadores exercem funções fisiológicas essenciais, incluindo proteção da mucosa gástrica, regulação da agregação plaquetária e manutenção da função renal. Dessa forma, a inibição dessas vias, especialmente quando ocorre de forma prolongada ou inadequada, pode comprometer mecanismos fisiológicos importantes e desencadear efeitos adversos relevantes (De Lima; Duarte, 2022).

Entre os principais riscos associados ao uso inadequado de AINEs em idosos destacam-se complicações gastrointestinais, como úlceras e dor abdominal, alterações cardiovasculares e cerebrovasculares, hepatotoxicidade medicamentosa e comprometimento da função renal, incluindo síndrome nefrótica. Tais efeitos podem agravar morbidades preexistentes e aumentar a morbimortalidade nessa população, reforçando a necessidade de uso racional desses medicamentos (Barros, 2020).

Nesse contexto, o profissional enfermeiro desempenha papel fundamental na promoção do uso seguro e racional de medicamentos, especialmente entre idosos submetidos à polifarmácia. Sua atuação envolve ações educativas voltadas à orientação sobre os riscos da automedicação, possíveis interações medicamentosas e efeitos adversos, além da realização da reconciliação medicamentosa e da vigilância de sinais de intoxicação ou reações adversas. Essas intervenções contribuem para a segurança do paciente, a eficácia terapêutica e a prevenção de complicações associadas ao uso inadequado de medicamentos (De França *et al.*, 2025).

Diante da relevância clínica e epidemiológica do tema, torna-se necessária a sistematização das evidências disponíveis acerca dos riscos relacionados ao uso indiscriminado de AINEs em idosos, bem como das estratégias de atuação da enfermagem para sua prevenção.

Assim, o presente estudo tem como objetivo identificar e sintetizar, por meio de revisão integrativa da literatura, os principais riscos associados ao uso de anti-

inflamatórios não esteroides na população idosa, bem como discutir as medidas de atuação do profissional de enfermagem para minimizá-los.

Metodologia

Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura, realizada no ano de 2025, com abordagem qualitativa e caráter descritivo, cujo objetivo foi sintetizar evidências científicas acerca dos riscos associados ao uso indiscriminado de anti-inflamatórios não esteroides (AINEs) na população idosa, bem como analisar a atuação do profissional de enfermagem na prevenção de complicações relacionadas.

A revisão foi conduzida a partir da definição da questão norteadora: quais são os principais riscos associados ao uso de AINEs na população idosa e como o profissional de enfermagem atua para reduzi-los?

A busca dos estudos foi realizada nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e SciELO, contemplando artigos publicados no período de 2010 a 2024. Para a construção da estratégia de busca foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “anti-inflamatórios não esteroides”, “idoso”, “risco” e “automedicação”, combinados entre si por meio do operador booleano AND.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão: artigos publicados em língua portuguesa, disponíveis na íntegra, que abordassem os riscos e complicações do uso de AINEs, a prática da automedicação em idosos e/ou o papel do enfermeiro na educação em saúde relacionada ao uso racional de medicamentos. Como critérios de exclusão foram considerados estudos com texto incompleto, pesquisas que não contemplavam população idosa e publicações sem relação direta com a temática proposta.

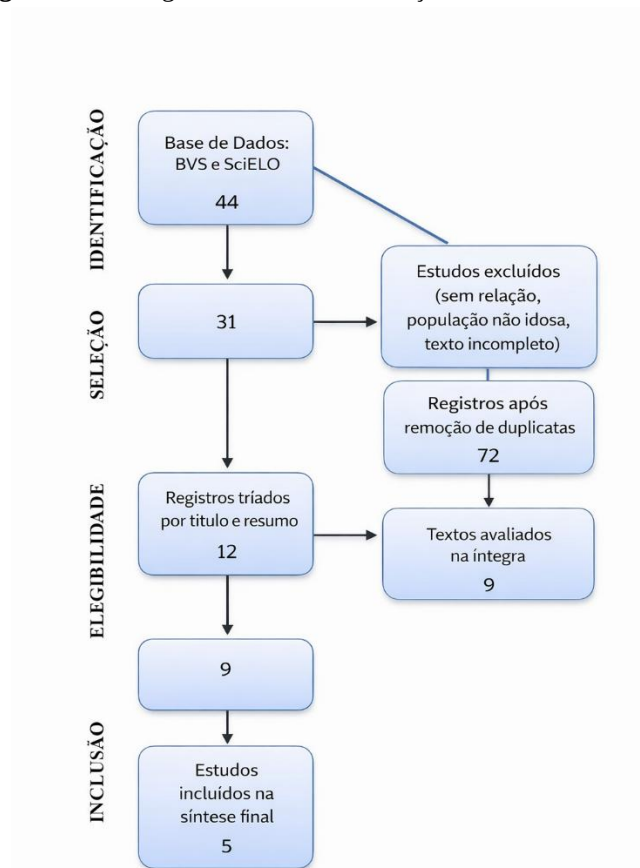
O processo de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão dos estudos foi organizado por meio do fluxograma PRISMA, o que contribuiu para maior transparência, sistematização e rigor metodológico na condução da revisão.

RESULTADOS

Após a aplicação da estratégia de busca nas bases selecionadas, foram inicialmente identificados 44 estudos. Após a remoção de uma duplicata, permaneceram 43 artigos. Em seguida, realizou-se a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, resultando em 12 estudos elegíveis para leitura dos títulos e resumos. Após essa etapa de

triagem, nove artigos foram selecionados para leitura na íntegra, dos quais cinco (5) atenderam plenamente aos critérios estabelecidos e compuseram a amostra final desta revisão (Figura 1).

Figura 1 – Fluxograma PRISMA de seleção dos estudos.



Fonte: Autoria própria, 2025.

A caracterização dos estudos incluídos está sintetizada no Quadro 1, apresentando base de dados, autores, títulos, periódicos, anos, metodologias dos estudos e principais resultados.

Quadro 1 – Síntese dos resultados.

ID	Base de Dados	Autores	Título	Periódico/Ano	Metodologia	Principais Resultados
1	SciELO	Oliveira, <i>et al.</i>	Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em centro de referência	Einstein, 2018	Estudo transversal descritivo	80,5% dos idosos praticavam automedicação; 55,5% usavam medicamentos inapropriados; principais fármacos: relaxantes musculares, analgésicos e AINEs; 68,6% apresentavam interações medicamentosas.
2	SciELO	Valença; Germano; Menezes.	A automedicação em idosos e o papel dos profissionais de saúde e da enfermagem	Revista de Enfermagem UFPE On Line, 2010	Ensaio teórico	A automedicação é influenciada por fatores culturais e publicidade; medicamentos causam 28% das intoxicações; enfermeiro essencial na orientação e prevenção de riscos.
3	BVS	Araújo <i>et al.</i>	Automedicação e uso inadequado de medicamentos na terceira idade	Revista Saúde e Meio Ambiente – RESMA, 2019	Estudo quantitativo, descritivo e transversal	62,5% dos idosos já se automedicaram, principalmente com analgésicos e AINEs; presença de polifarmácia e erros de adesão; papel educativo do enfermeiro reforçado
4	SciELO	Ely <i>et al.</i>	Uso de anti-inflamatórios e analgésicos por uma população de idosos atendida na Estratégia Saúde da Família	Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 2015	Estudo observacional transversal	28,8% utilizavam anti-inflamatórios e analgésicos; paracetamol e ibuprofeno mais comuns; uso 'quando necessário'; associação com doenças articulares e risco de toxicidade.

5	SciELO	Secoli <i>et al.</i>	Tendência da prática de automedicação entre idosos brasileiros entre 2006 e 2010: Estudo SABE	Revista Brasileira de Epidemiologia, 2019	Estudo de coorte populacional	Redução da automedicação (42,3%→18,2%); principais classes: sistema nervoso e trato alimentar; uso de analgésicos, AINEs e vitaminas; persistência do risco medicamentoso.
---	--------	----------------------	---	---	-------------------------------	--

Fonte: Elaborada pelo autor, 2025.

DISCUSSÃO

Observou-se, a partir dos estudos analisados, uma limitada quantidade de pesquisas específicas acerca dos riscos associados ao uso indiscriminado de anti-inflamatórios não esteroides (AINEs) na população idosa, o que evidencia a relevância e a necessidade de aprofundamento científico sobre a temática. Tal lacuna reforça a importância de investigações que contribuam para a ampliação do conhecimento e para o desenvolvimento de estratégias assistenciais voltadas à segurança medicamentosa dessa população.

A literatura analisada demonstra que a automedicação constitui prática recorrente entre idosos, sendo frequentemente associada ao uso de analgésicos e AINEs, motivada principalmente pela facilidade de acesso, baixo custo e percepção de alívio imediato da dor. Os estudos evidenciam que esses medicamentos figuram entre os mais utilizados sem prescrição, sobretudo para o manejo de dores articulares, musculares e reumáticas, condições comuns no processo de envelhecimento (ID 1; ID 3; ID 4). Contudo, essa prática reflete uma percepção equivocada de segurança, levando o idoso a subestimar os riscos relacionados ao uso contínuo ou inadequado desses fármacos.

Nesse contexto, destaca-se a elevada prevalência da automedicação entre idosos. Um estudo identificou que 80,5% dessa população utilizavam medicamentos por conta própria, sendo que 55,5% faziam uso de fármacos potencialmente inapropriados, além de apresentar elevada ocorrência de interações medicamentosas (68,6%), especialmente envolvendo analgésicos e anti-inflamatórios (ID 1). De forma semelhante, outro estudo apontou que 62,5% dos idosos relataram prática de automedicação, frequentemente associada à polifarmácia e a erros na adesão terapêutica, como esquecimento e

dificuldades no manejo das prescrições, fatores que ampliam o risco de eventos adversos e intoxicações medicamentosas (ID 3).

Corroborando esses achados, estudo baseado em dados populacionais do Estudo SABE demonstrou tendência de redução da automedicação entre idosos entre 2006 e 2010, passando de 42,3% para 18,2%. Entretanto, os anti-inflamatórios e analgésicos permaneceram entre as classes terapêuticas mais utilizadas, indicando a persistência da cultura de automedicação voltada ao alívio imediato da dor, o que representa um desafio contínuo para os profissionais de saúde (Secoli *et al.*, 2019). O estudo também evidenciou que, na maioria das vezes, o próprio idoso decide utilizar medicamentos sem orientação profissional, sendo esse comportamento influenciado por fatores como morar sozinho e a tentativa de resolver problemas considerados de menor gravidade.

O uso de anti-inflamatórios e analgésicos também foi identificado em contexto assistencial, com prevalência de 28,8% entre idosos acompanhados na atenção primária, destacando-se o uso de paracetamol e ibuprofeno, geralmente administrados conforme necessidade para alívio da dor (ID 4). Apesar de amplamente utilizados, esses medicamentos estão associados a potenciais efeitos adversos, incluindo toxicidade hepática e renal, além de aumento do risco de complicações cardiovasculares e gastrointestinais, particularmente quando utilizados de forma prolongada ou sem acompanhamento profissional.

Além dos aspectos clínicos, fatores socioculturais também influenciam a prática da automedicação. Evidências apontam que crenças culturais, experiências prévias e a influência da publicidade farmacêutica contribuem para a consolidação do medicamento como símbolo de cura e bem-estar, favorecendo o consumo indiscriminado, inclusive entre idosos (ID 2). Essa percepção social, associada ao acesso facilitado aos medicamentos e, em alguns casos, à limitação no acesso aos serviços de saúde, fortalece comportamentos de autogestão terapêutica sem orientação profissional.

Diante desse cenário, os estudos analisados destacam o papel central do enfermeiro na promoção do uso racional de medicamentos e na prevenção de riscos associados à automedicação. A atuação desse profissional envolve ações educativas, orientação quanto aos riscos do uso indiscriminado de medicamentos, identificação de interações medicamentosas, incentivo à adesão terapêutica e monitoramento de sinais de uso inadequado (ID 2; ID 3). A proximidade do enfermeiro com o paciente favorece

intervenções educativas individualizadas e acompanhamento contínuo, contribuindo para a redução da exposição desnecessária a AINEs e para a prevenção de complicações clínicas.

Além disso, a enfermagem pode atuar de forma estratégica no acompanhamento farmacoterapêutico e na implementação de programas de educação em saúde na atenção primária, promovendo maior segurança do paciente e melhoria da qualidade de vida da população idosa (ID 2; ID 4). Essas ações mostram-se fundamentais diante do caráter multifatorial da automedicação, que envolve aspectos clínicos, comportamentais e socioculturais.

Portanto, evidencia-se que o uso indiscriminado de AINEs entre idosos constitui importante problema de saúde pública, associado a riscos significativos e potencialmente evitáveis. O enfrentamento dessa problemática requer abordagem interdisciplinar, envolvendo profissionais de saúde, familiares e o próprio paciente, com destaque para a atuação do enfermeiro como agente mediador do cuidado, responsável pela prevenção de agravos e pela promoção do uso consciente de medicamentos.

Conclusões

Esta revisão integrativa evidenciou que o uso indiscriminado de anti-inflamatórios não esteroides em idosos está associado ao aumento de complicações gastrointestinais, renais e cardiovasculares, especialmente em contextos de automedicação e polifarmácia. Destaca-se a importância da atuação multiprofissional, com ênfase no papel do enfermeiro na educação em saúde, no uso racional de medicamentos e na prevenção de riscos. Ressalta-se, ainda, a necessidade de novos estudos que investiguem estratégias eficazes para reduzir os efeitos adversos associados ao uso desses fármacos na população idosa.

Referências

- ARAÚJO, B. N.; GALINA, D.; GEREMIA, C. T.; BROCK, F.; BUENO, A. D. L. G.; PAGLIARINI, E. M. Automedicação e uso inadequado de medicamentos na terceira idade. **Revista Saúde e Meio Ambiente**, v. 8, n. 1, p. 21-35, 2019.
- BARROS, P. D. N. Riscos do uso irracional de anti-inflamatórios por idosos. **Trabalho de conclusão de Curso** (Bacharelado em Farmácia). Faculdade Pitágoras de Bacabal, Bacabal, 2020.

DE FRANÇA, J. M. M. Polifarmácia na terceira idade: impactos e prevenção sob à ótica do enfermeiro. Polypharmacy in older adults: impacts and prevention from the nurse's perspective (enfermagem). **Repositório Institucional**, v. 3, n. 1, 2025.

DE LIMA, R. M.; DUARTE, K. P. Anti-inflamatório não Esteróides (AINEs) e automedicação. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 5, p. e13211527872-e13211527872, 2022. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i5.27872>

ELY, L. S.; ENGROFF, P.; GUISELLI, S. R.; CARDOSO, G. C.; MORRONE, F. B.; CARLI, G. A. D. Uso de anti-inflamatórios e analgésicos por uma população de idosos atendida na Estratégia Saúde da Família. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 18, n. 3, p. 475-485, 2015. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2015.14141>

FECHINE, B. R. A.; TROMPIERI, N. O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. **InterSciencePlace**, v. 1, n. 20, 2012. <http://dx.doi.org/10.6020/1679-9844/2007>

OLIVEIRA, S. B. V.; BARROSO, S. C. C.; BICALHO, M. A. C.; REIS, A. M. M. Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em centro de referência. **Einstein (São Paulo)**, v. 16, p. eAO4372, 2018. https://doi.org/10.31744/einstein_journal/2018AO4372

SECOLI, S. R.; MARQUESINI, E. A.; FABRETTI, S. D. C.; CORONA, L. P.; ROMANO-LIEBER, N. S. Tendência da prática de automedicação entre idosos brasileiros entre 2006 e 2010: Estudo SABE. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, n. Suppl 02, p. e180007, 2019. <https://doi.org/10.1590/1980-549720180007.supl.2>

TRINDADE, K. DOS S.; DEUNER, M. C.; DOS SANTOS, B. R. H. P. Os riscos associados ao uso de anti-inflamatórios, e automedicação por idosos. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 7, n. 14, p. e141160-e141160, 2024. <https://doi.org/10.55892/jrg.v7i14.1160>

VALENÇA, C. N.; GERMANO, R. M.; DE MENEZES, R. M. P. A Automedicação Em Idosos E O Papel Dos Profissionais De Saúde E Da Enfermagem. **Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE**, v. 4, n. 3, 2010.